

Considerações finais

Pôde-se constatar durante o trabalho que em todas as épocas da história da Humanidade, sempre houve línguas que pelo poder político, militar e econômico de seus falantes impuseram-se como línguas francas, línguas usadas no intuito de se minimizarem os problemas da comunicação entre os homens.

Assim foi com o aramaico, a língua geral, na Antigüidade, do Oriente Médio, com o grego que se tornou, graças a Alexandre, a língua dominante de ampla área do mundo que ia do Mediterrâneo às fronteiras da Índia e com o latim, levado pelo Império Romano a várias partes do mundo, tendo sido ele o idioma da cultura até o século XVII. O mundo de Felipe II falava espanhol. O francês dominou o século XVIII e se manteve, como idioma internacional, até meados do século XX. Nos últimos tempos, é o inglês que vem desempenhando esse papel. Seu poder de alcance é incontestável. Povos de todos os continentes valem-se dele para uso internacional. Esse predomínio acarreta múltiplas conseqüências e suscita inúmeras questões.

O papel hegemônico desempenhado por ele não é aceito com unanimidade. Não são poucos os que acusam o inglês e a cultura que ele representa de promoverem um empobrecimento cultural e, muitas vezes, causarem o desaparecimento e até mesmo a morte de línguas minoritárias.

Os EUA, país a que o inglês é mais associado, sempre foram alvos de crítica por seu imperialismo e por se arvorarem no papel de donos do mundo.

Ultimamente as críticas vêm se intensificando devido à invasão do Iraque, mesmo sem contar com o apoio da ONU. Com um presidente belicista, que a exemplo do lobo da fábula de La Fontaine, não precisa de motivos plausíveis para conseguir seus intentos, o país e seus habitantes vêm recebendo cada vez mais críticas, causando um sentimento muitas vezes de revolta em outros povos e fomentando um sentimento antiamericano que só faz aumentar nos últimos tempos.

Com isso, há muitas pessoas que se antes toleravam o predomínio do inglês, hoje não o aceitam tão tranqüilamente e fazem de tudo para embotar seu brilho, torcendo para que outras línguas tenham força para substituí-lo no cenário mundial.

No Brasil, ainda agora, o Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, acaba de protagonizar um episódio chamado pelo jornal “*O Globo*”, em seu editorial de 13 de janeiro último de “*antiamericanismo infantil*”. Isso porque a seu pedido, o Instituto Rio Branco deixa de fazer da língua inglesa uma disciplina eliminatória nas provas de acesso à carreira diplomática. Uma verdadeira chuva de críticas vem caindo sobre sua cabeça. No programa *Bom dia, Brasil*, da rede Globo, exibido na manhã do mesmo dia, várias personalidades emitiram opiniões a respeito desse assunto e houve unanimidade na reprovação dessa idéia. Um dos entrevistados, o ex-embaixador Lampréia chegou a comparar o não domínio eficiente do inglês num diplomata à falta de conhecimentos matemáticos a um engenheiro ou a prática da medicina por alguém que não pode ver sangue.

O que ficou claro em todas as declarações é que não há como negar o alcance do inglês e que o país que tem pretensão a competir em nível de igualdade com os chamados de primeiro mundo não pode, em hipótese alguma, descartar o aprendizado da língua em que se encontram a quase totalidade dos conhecimentos necessários a um bom nível de desenvolvimento econômico, tecnológico e cultural.

Há outros exemplos de antiamericanismo ocorrendo pelo mundo afora, nem todos tão infantis como o patrocinado pelo chanceler brasileiro. Os desdobramentos que o crescimento desse antiamericanismo vão causar não podem ainda ser previstos. É preciso mais tempo para ver os reflexos desse sentimento no uso da língua.

Até o presente momento, porém, ele é a língua global por excelência. Aliado ao poder econômico e militar dos principais países que o têm como língua materna – Inglaterra e, principalmente, Estados Unidos – está o alcance mundial da língua, uma vez que ela é falada em todos os continentes e em número bastante expressivo de países. Além disso, possui pontos de identificação com muitas outras línguas, visto que seu vocabulário é um verdadeiro *pout pourri*, formado por contribuições de várias outras línguas. A força do idioma tem sido cada vez mais percebida por povos de todos os lugares do planeta, os quais não querendo sentir-se excluídos de um mundo globalizado, tentam adquiri-lo.

Apesar de seu domínio vir se ampliando cada vez mais, o que pode ser constatado diante do número de debates, de artigos e reportagens a respeito do assunto que vêm aparecendo nos meios de comunicação, muitos se perguntam até quando o inglês terá forças para continuar a deter tamanho poder. As opiniões a esse respeito são divergentes. Crystal (apud Hamel, 1997), por exemplo, é da opinião que o domínio do inglês só não continuará se houver um terremoto político de proporções mundiais, ou seja, uma mudança radical do panorama político atual.

Há quem sustente que essa situação não será duradoura ou eterna. Graddol (apud Hamel, 1997) acha que o monopólio do inglês poderá acabar, talvez já em algumas décadas, devido ao fortalecimento de novas línguas com poder internacional. Para Hobsbawn (2000), essa situação – o controle de grande parte da economia global, tanto em termos políticos, como em termos do modelo americano de negócios e de organização empresarial – tende a acabar. Segundo ele, será muito difícil que os povos anglo-saxônicos continuem mantendo o poder e a hegemonia econômica *ad aeternum*, e, conseqüentemente, a lingüística também.

Em Davos, durante a realização do Fórum Mundial de 2005, a importância crescente do inglês, especialmente depois que a globalização abriu os mercados mundiais e criou novas oportunidades para empresas, tanto nos países desenvolvidos como nos em desenvolvimento, mereceu atenção especial dos participantes. Foi organizada uma mesa-redonda para discutir o predomínio da língua inglesa no mundo atual, sob o título geral “*Pode o monopólio da língua inglesa ser quebrado*”?

Pereira (2005), em artigo publicado no jornal *O Globo*, relata o que foi exposto durante esse debate. Segundo ele, está muito clara para todos a questão dos meios para se conseguir uma comunicação eficaz no mundo de hoje. Nesse mundo crescentemente interligado, a habilidade de se comunicar superando a barreira da linguagem ficou mais importante do que nunca.

Com o avanço da globalização e a redução das economias ocidentais – os países asiáticos, a China principalmente, estão surgindo como futuras potências emergentes – alguns debatedores acham que a prevalência da língua inglesa poderá decair, embora de forma bem humorada se tenha dito que existem hoje na China mais pessoas aprendendo inglês do que nos Estados Unidos. Apesar de o mandarim ser o idioma com o maior

número de falantes do mundo, isso se deve ao número de habitantes da China e não porque – a exemplo do inglês – o chinês tenha alcance mundial. Assim, mesmo com a possibilidade de que a China venha a superar os Estados Unidos como potência econômica, é muito pouco provável que o mandarim venha a tornar-se a língua internacional dos negócios. O mais provável é que os chineses continuem a aprender o inglês para poderem ficar em compasso com o resto do mundo. Para comprovar essa hipótese, basta ver que o governo chinês está tomando providências para que o inglês seja ensinado a todos os alunos, a exemplo do que já faz o Chile e do que está prometendo fazer o recém-eleito primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates, que em campanha à eleição prometia ensino do inglês para todos, desde o ensino básico.

Hobsbawn (2000) também aborda a questão dos países que poderiam vir a ameaçar o poderio anglo-saxônico. Pelas análises feitas dos dois países que, segundo ele, apresentariam mais condições de representar uma ameaça à hegemonia norte-americana - China e Índia - pode-se concluir que ainda levará tempo até que os EUA percam a posição que atualmente ocupam no mundo, tendendo esse domínio a estender-se por pelo menos algumas décadas mais. Essa afirmação baseia-se na constatação de que embora esses países possam alcançar o nível de superpotências, é muito pouco provável que isso venha a ocorrer em um futuro próximo e que elas possam ameaçar a hegemonia do inglês, língua amparada pelo poder absoluto, e jamais visto em outras épocas na história da humanidade, dos Estados Unidos. Conseqüentemente, o inglês parece também que manterá seu papel de língua de grande influência, visto que o domínio de língua está comprovadamente ligado à questão do poder econômico, cultural e militar, aspectos em que os EUA se mostram imbatíveis, pelo menos até o presente momento.

Pelo que até aqui foi exposto, pode-se concluir que apesar de haver focos de resistência à idéia de admitir o inglês como uma língua global, eles não são fortes o bastante para impedir o que já há muito tempo vem se observando: o inglês vem exercendo, na prática, o papel de língua internacional em inúmeros campos de atividades, tais como negócios, tecnologia, produção científica, entretenimento, ... É inegável que a sua aquisição tornou-se essencial para todos aqueles que desejem estar a par do que ocorre no mundo em tempo real, uma vez que a maioria do conhecimento é gerado nessa língua .

Realmente, não há como negar a sua supremacia frente a outras línguas

modernas. Até mesmo os povos que se dizem arqui-inimigos dos anglo-saxônicos usam o inglês quando querem ser ouvidos e compreendidos por um grande número de pessoas. Para comprovar essa afirmação, basta lembrar a época da invasão do Afeganistão pelos Estados Unidos, quando em entrevista à rede de televisão Al Jazera, os comandantes do exército afegão falavam inglês, a língua dos inimigos a quem eles juravam ódio eterno.

Respondendo à questão central do estudo, afirma-se que o poder hegemônico do inglês realmente é fator determinante na inserção ou exclusão social, visto que quem não o domina tem ficado, à medida que o mundo se globaliza, cada vez mais em posição de desvantagem em várias situações nos campos pessoal, acadêmico ou profissional, conforme se pôde perceber pelas declarações de representantes de amplos setores da sociedade. Por isso é muito importante deixar claro que o aprendizado de uma língua global deve obrigatoriamente visar ao fortalecimento dos que estão excluídos do mundo dos falantes do inglês, inserindo-os em um mundo onde as informações e a velocidade com que delas se apropria são de vital importância para quem não quiser ficar em descompasso com os novos rumos que o planeta vem tomando no presente momento. Para que isso aconteça, faz-se mister ter o domínio do inglês, mas sem que isso venha a significar menosprezo à língua e cultura de origem.

No que se refere aos seus objetivos gerais, entende-se que foram alcançados, uma vez que: (i) pôde-se acompanhar a trajetória do inglês, entendendo como foi possível a sua ascensão até chegar ao status de língua global da atualidade e mostrando a necessidade de sua aquisição por todos os que não desejam ficar em posição de desvantagem no mundo extremamente competitivo de hoje em dia; (ii) ficou evidenciada a importância da adoção de uma língua comum a ser usada por diferentes povos, nas várias situações de comunicação que a vida moderna oferece, assim como a necessidade do aprendizado de outras línguas, de forma a possibilitar o acesso à ciência e às modernas tecnologias; (iii) demonstrou-se que o aprendizado de línguas estrangeiras deve ser pautado pela ética, devendo propiciar ao aluno o contato com outras culturas, alargando dessa forma o seu horizonte; e (iv) pôde-se perceber a importância da preservação das línguas existentes no mundo, em coexistência harmoniosa com uma língua de alcance internacional.

Há muitas questões políticas, sociais e econômicas permeando o campo do ensino de língua(s) estrangeira(s). Este trabalho procurou demonstrar que o fato de se adotar uma

língua global - no caso, o inglês - não deve, contudo, implicar queda de prestígio ou até mesmo o desaparecimento de outras. A língua a ser aprendida com o propósito de facilitar o entendimento entre as pessoas de tão diversas procedências e origens pode e deve ser usada para formar indivíduos capazes de interagir com membros de outras culturas, possuidores de diferentes modos de agir e pensar, com crenças, valores e costumes bastante diversos, contribuindo dessa forma para o fortalecimento da diversidade lingüística e cultural.

A solução ideal para os problemas decorrentes da falta de uma língua única apontam para o desenvolvimento de situações de bilingüismo em que uma das línguas faladas seria a global, permitindo ao falante acesso à comunidade mundial e a outra a língua regional que lhe daria acesso à comunidade local. O problema é que quando se pensa em como aplicá-la, percebe-se o quão difícil é sua concretização. Viram-se durante o trabalho as múltiplas questões que envolvem a adoção de uma língua para desempenhar o papel de global. Apesar de todo o poder desfrutado pelo inglês, viu-se que não são poucos os que o encaram como o representante de uma homogenia das culturas e como ameaça à descaracterização nacional. Além disso, em um mundo em que as pessoas não conseguem se entender, em que se briga e se mata por bobagens, um mundo em que a intolerância parece ser a tônica neste início de século, como chegar a um consenso a respeito de assunto que envolve tantos interesses? Como fazer para que todos fiquem satisfeitos e não se sintam inferiorizados e concordem em aprender uma outra língua diferente da sua? Parece uma utopia. Indiscutivelmente essa seria uma boa solução para diminuir os inúmeros problemas que ocorrem quando pessoas de variadas procedências e línguas precisam se comunicar; no entanto, uma solução imposta por um grupo imediatamente seria alvo de protestos e de campanhas contrárias.

O que parece estar acontecendo é que muitas pessoas percebem que aprender uma outra língua além da sua é importante para o seu desenvolvimento intelectual e profissional em um mundo cujas fronteiras se estreitam e os contatos entre povos de origens diversas se amiúdam cada vez mais. Assim, quem tem possibilidades de aprender inglês, já o vem fazendo há algum tempo, para não ‘ficar para trás’, não ficar em desvantagem em relação aos que o têm como língua oficial ou co-oficial de seus países. E é esse movimento na

direção da aquisição do idioma que vem acontecendo no Brasil e em outros países do mundo, conforme se pôde constatar ao longo do trabalho.

A idéia de que algum dia todo mundo vai estar falando inglês, soa como utopia. Hobsbawn (2000), por exemplo, também compartilha essa mesma opinião. Segundo ele, a uniformização do mundo será impossível, uma vez que a enorme diversidade de línguas no mundo é, por definição, um obstáculo à globalização.

De fato, achar que todos, um dia, falarão inglês soa ingênuo. O que já ocorre no momento é que pessoas que precisam manter contatos com outras de línguas diferentes lançam mão do inglês, pois assim as possibilidades que venham a se entender serão maiores. Pensando nas condições até desumanas em que vivem muitos povos, especialmente na África Subsaariana, percebe-se o quanto tem de utópico o pensamento de um mundo em que todos possam falar a mesma língua . O máximo que se pode esperar é que pessoas em boas condições sócio-econômicas percebam o quão importante é ter o domínio de uma língua que está presente em praticamente todos os aspectos da vida em sociedade nos tempos atuais.

A lista de situações em que o domínio do inglês facilitaria a vida de um ser humano parece interminável. A todo momento ela se amplia, abrindo um leque de múltiplas possibilidades.

Pelo menos a curto e a médio prazos, o panorama lingüístico mundial tende a continuar sendo dominado pelo inglês, significando assim que quem quiser ficar em sintonia com as exigências do mundo moderno deverá aproveitar toda e qualquer chance de aprendê-lo.